



José Soares

Transparência

Viagem ao país glacial

Numas merecidas férias de Natal e Ano Novo, fato que nas presentes condições pandémicas não acontecia há dois anos, visitei a família no Quebeque, onde a nossa Diáspora atinge milhares de açorianos e sua descendência. Assisti no último 10 deste janeiro ao pedido de demissão do Dr. Horácio Arruda, ilustre micaelense que emigrou ainda criança com seus pais para aquele estado canadiano e ali se transformou na figura pública de quem mais se fala neste momento por estas bandas.

O Dr. Horácio Arruda exerceu até agora as funções de Diretor Nacional da Saúde Pública do Quebeque e estava na linha da frente ao combate à pandemia há mais de dois anos.

Por inerência do cargo era igualmente ministro-adjunto da Saúde do Quebeque e foi até agora das figuras de maior relevo durante a presente crise.

Dadas as enormes pressões exercidas e com a decisão de declarar estado de contingência no Quebeque, com recolha obrigatória entre as 22 h e as 05 h, Horácio Arruda decidiu demitir-se.

O primeiro-ministro quebequense foi por sua vez pressionado a dar explicações públicas e em conferência de imprensa de 11 de janeiro, explicou que com muita pena sua o Dr. Arruda lhe havia apresentado a sua demissão depois de ter exercido com abnegada eficiência o cargo máximo de responsável na Saúde dos seus concidadãos. Choveram os elogios políticos mas o fato não ficou por aqui.

Com eleições para os inícios de outubro próximo, esta demissão não podia vir em pior altura para o atual governo de François Legault, que tem de justificar se a nomeação do até agora desconhecido Dr. Luc Boileau que substitui temporariamente o Dr. Horácio

Arruda, traz de fato algo de novo à crise que se agudiza, com os hospitais a abarrotar e a enorme falta de pessoal na Saúde. O próprio Dr. Boileau que agora substitui Arruda, sentou-se ao lado do primeiro-ministro na conferência de imprensa e ao ser-lhe perguntado qual os seus planos, foi claro: “Não tenho planos melhores daqueles do meu antecessor, nem tenho soluções miraculosas. Vou dar tudo de mim e continuar a luta do meu colega Dr. Horácio Arruda.

Mas outra polémica instalou-se. Auscultações populares indicam que estes cargos não devem ser nomeados pelo partido do governo, mas sim sob proposta ao parlamento (Assemblée Nacional do Quebec), a qual aprovará por dois terços. Consideram os entendidos que figuras com tal responsabilidade não devem estar tão coladas à política, sob pena de não exercerem com inteira isenção o seu trabalho na Saúde Pública. As pressões estratégicas da política podem ter resultados negativos no exercício das funções, o que, dizem, terá sido o caso.

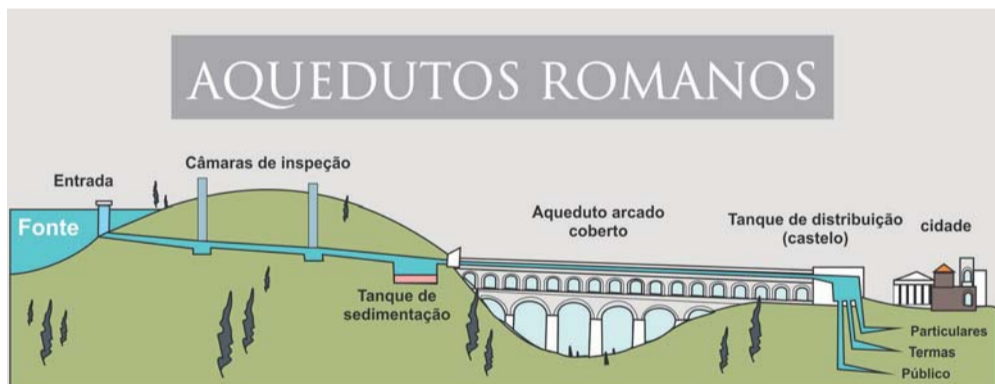
Para apaziguar as críticas de que tem sido alvo na condução do processo pandémico, o primeiro-ministro finalizou com a intenção de penalizar monetariamente todos os que rejeitam vacinar-se. São cerca de 10% em todo o Quebeque. Com montantes que neste momento ainda não estão estabelecidos, François Legault chama-lhe “Contribution Santé” (Contribuição Saúdet).

O Quebeque conta com 2,762 mortos atribuídos à pandemia (números de 11 janeiro). Dia em que escrevi esta crónica, com o termómetro a indicar uns “calorentos” 28 graus negativos, embora o dia estivesse radiante sem uma única nuvem. São os glaciais invernos canadenses.



Chrys Chrystello*

Coisas dos Romanos



Estava há dias a ver um documentário televisivo sobre as dez melhores criações romanas (há dois mil anos ou mais) e, salvaguardadas as devidas diferenças, assumi que devo ter nascido na era errada. Vejamos algumas delas:

- Cidades construídas numa grelha retangular e quadrangular.
- Esgotos e sanitários com sistemas de canalização que evitavam a contaminação nas cidades sempre garças à água corrente que os alimentava.
- Estradas (sempre que possível em linha reta) construídas para durar (muitas delas ainda hoje estão em perfeito estado de utilização com as suas camadas, uma cama de pedra e areia, outra de pequenas pedras e gravilha e por cima o pavimento empedrado.
- aquedutos construídos desde 312 a.C., feitos arquitetónicos notáveis, muitos deles com vários andares e sobre vales e rios, que abasteciam enormes reservatórios, usando a força da gravidade para um fluxo constante
- betão capaz de solidificar em ar, terra ou água, com capacidade de aumentar a sua resistência e durabilidade com o tempo, com diferentes gradientes fosse para paredes, fundações ou arcos abobados, muitas vezes fortalecidos com pedra e cinza vulcânica para evitar a decadência química. Muito mais forte e resistente do que é feito hoje. (Essa receita romana – uma mistura de cinzas de vulcão, óxido de cálcio, água do mar e pedaços de rocha vulcânica – segura cais, ancoradouros, quebra-mares e portos. E ao contrário dos materiais de hoje em dia, quanto mais o tempo passa, mais forte esse concreto fica. Um grupo de cientistas diz que essa durabilidade é resultado da reação entre a água do mar e o material vulcânico no cimento, criando novos minerais que reforçam o concreto.)

Depois de prestar muita atenção a estas e outras notáveis novidades tecnológicas com mais de dois mil anos, dei comigo a interrogar-me sobre qual a razão de o atual cimento, betão ou concreto ter pouca durabilidade (50 anos em média), desintegrando-se e sendo corroído pelo próprio ambiente em que está inserido e se andarem a construir hotéis e outras

habitações que pouco vão durar e a única razão válida é que a maior parte deles serão abortos arquitetónicos e – como tal – condenados a serem abatidos, mais cedo ou mais tarde. A sua utilidade é tão reduzida que o betão pode ser de fraca qualidade. Já agora construam mais portos para os cruzeiros em todas as ilhas, que qualquer tempestade, mais cedo ou mais tarde, irá destruir. Há portos romanos como o primeiro porto artificial de Caesarea Maritima (Caesaria, Israel) que sobrevive hoje.

Aliás, o imediatismo das construções parece ter tomado conta de todos os governantes. Quando em 2008 sugeri em crónica publicada que se deveriam começar a construir reservatórios de água na cilhas dos Açores, para evitar futuras faltas de água, devido às mudanças climáticas, ninguém me ouviu nem levou a sério. Já em 2018 a lavoura e pecuária mostraram algum interesse em construir reservatórios para abastecer o gado., mas, de uma forma geral, tudo continua por fazer. Governos e políticos reativos em vez de serem pró-ativos.

Escrevi então no Diário dos Açores 13.11.2008:

... O RESTO DA ILHA NEM SE APERCEBEU.

Continuam todos felizes, sem se darem conta da falta de água aqui na Costa Norte, a esvaziam os depósitos do autoclismo em vez de os encherem de garrafas de água cheias ou de tijolos para preservarem a água que temos. Esta ilha não para de me espantar. Desde que cá cheguei, bilhões de litros de água vieram diretamente das nuvens para as ribeiras que os despejam no mar. Um equilíbrio perfeito com a natureza, mas que esqueceu a presença humana. Espero que alguém já tenha lido alguma coisa sobre as mudanças climáticas que se avizinham e comece a construir reservatórios maiores antes de esta ilha se começar a parecer com a metade seca da ilha de Santa Maria ou com a aridez das Canárias e de Cabo Verde. Nessa altura será tarde demais, a menos que nas terras altas como na Lomba da Maia tenhamos reservatórios suficientes para as nossas necessidades e deixemos de depender dos outros que não cuidam de nós como nos prometeram antes de serem eleitos para defenderem os nossos interesses.

Claro que se compreende a não-preocupação pois a futura falta de água não dá votos a vencer eleições...e quando os começarem a construir pode ser que não chova o suficiente para os encher... nessa altura será culpa das alterações climáticas e não da falta de visão dirigente. Não sei como mas gostava de poder clonar algumas mentes romanas e colocá-las em posições de poder, para construírem estradas que durem, fazerem betão milenar, reintroduzir aquedutos e reservatórios capazes de abastecerem todos com a água que vai faltar, mesmo nesta zona de clima subtropical chamada Açores. E como vamos a votos daqui a dias, resta-me votar “Romanos” nas próximas eleições.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)